

enredar) gostam de atacar primeiro. E nas sedições, como os homens estão sempre nos recintos da batalha, defender-se uns aos outros e usar todas as vantagens da força é um estratégia-ma superior a todos os que possam proceder da sutileza do engenho.

Os homens vangloriosos, que, por não perceberem em si mesmos uma grande capacidade, deleitam-se em se julgarem britosos, tendem apenas para a ostentação, não para os empreendimentos, pois quando surgem perigos ou dificuldades só os aflaga ver descoberta a sua incapacidade.

Os homens vangloriosos, que avaliam a sua capacidade pelas lisonjas de outros homens ou pelo sucesso de alguma ação anterior, sem terem tido sólidas razões de esperança baseadas num autêntico conhecimento de si mesmos, têm tendência para empreendimentos irrefletidos e, à primeira visão de perigos ou dificuldades, a retirar-se assim que podem. Porque, não vendo o caminho da segurança, preferem arriscar a sua honra, que pode ser salva com uma desculpa, em vez da sua vida, para a qual nenhuma salvação é suficiente.

Os homens que têm em alta conta a sua sabedoria em questões de governo inclinam-se para a ambição. Porque sem um emprego público, como conselheiros ou magistrados, perde-se a honra da sua sabedoria. Conseqüentemente, os oradores eloqüentes têm tendência para a ambição, pois a eloqüência assemelha-se à sabedoria, tanto para eles mesmos como para os outros.

A pusilanimidade predispõe os homens para a indecisão e, conseqüentemente, para perder as ocasiões e as melhores oportunidades de ação. Porque quando se esteve em deliberação até se aproximar o momento da ação, se nessa altura não for manifesto o que há de melhor a fazer, isso é sinal de que a diferença entre os fatores, quer num sentido quer noutro, não é muito grande. Portanto, não tomar uma decisão nesse momento é perder a ocasião por dar importância a ninharias, o que é pusilanimidade.

A frugalidade (embora nos pobres seja uma virtude) torna os homens incapazes de levar a cabo as ações que precisam

Empresas vão por vaidade.

Ambição, por conlução de capacidade.

Indecisão, por valorizar demais as pequenas coisas.

da força de muitos ao mesmo tempo. Porque ela enfraquece o seu esforço, que deve ser alimentado e revigorado pela recompensa.

A eloqüência, juntamente com a lisonja, leva os homens a confiar em quem as pratica, pois a primeira tem aparência de sabedoria e a segunda, de bondade. Acrescente-se-lhe a reputação militar, e os homens tornar-se-ão predispostos a aderir e a sujeitar-se a quem as possui. As duas primeiras tranqüilizam-nos quanto aos perigos que podem vir dessa pessoa, e a segunda, quanto aos que podem vir dos outros.

A falta de ciência, isto é, a ignorância das causas, predispõe, ou melhor, obriga os homens a confiar na opinião e autoridade alheias. Porque todos os homens preocupados com a verdade, se não confiarem na sua própria opinião, deverão confiar na de alguma outra pessoa a quem julguem mais sábia que eles próprios e não considerem provável que queira enganá-los.

A ignorância do significado das palavras, isto é, a falta de entendimento, predispõe os homens para confiar não apenas na verdade que não conhecem, mas também nos erros e, o que é mais, nos absurdos daqueles em quem confiam. Porque nem o erro nem o absurdo podem ser detectados sem um perfeito entendimento das palavras.

Disso deriva que os homens dêem nomes diferentes a uma única e mesma coisa, por causa das diferenças entre as suas próprias paixões. Quando aprovam uma opinião particular, chamam-lhe opinião, e quando não gostam dela chamam-lhe heresia; contudo, heresia significa simplesmente uma opinião particular, apenas com mais algumas tintas de cólera.

Disso deriva também ser impossível distinguir, sem estudo e grande entendimento, entre uma ação de muitos homens e muitas ações de uma multidão, como, por exemplo, entre a ação única de todos os senadores de Roma ao matarem *Catilina* e as muitas ações de um certo número de senadores ao matarem *César*. Fica-se portanto predisposto a tomar como ação do povo aquilo que é uma multidão de ações praticadas por uma multidão de pessoas, talvez conduzidas pela persuasão de uma só.

Confiança nos outros, por ignorância dos sinais de sabedoria e bondade.

E por ignorância das causas naturais.

[50]
E por falta de entendimento.

A ignorância das causas e da constituição original do direito, da equidade, da lei e da justiça predispõe os homens para tomarem como regra das suas ações o costume e o exemplo, de maneira que consideram injusto aquilo que é costume castigar e justo aquilo de cuja impunidade e aprovação podem apresentar um exemplo, ou (como barbaramente lhe chamam os juristas, os únicos que usam esta falsa medida) um precedente. Comportam-se assim como crianças pequenas, que têm como única regra dos bons e maus costumes a correção que recebem dos seus pais e mestres, salvo que as crianças são fiéis a essa regra, ao passo que os homens não o são; porque, tendo-se tornado fortes e obstinados, apelam do costume para a razão, e da razão para o costume, conforme mais lhe convém, afastando-se do costume quando o seu interesse o exige e pondo-se contra a razão todas as vezes em que ela fica contra eles. É esta a causa devido à qual a doutrina do bem e do mal é objeto de permanente disputa, tanto pela pena como pela espada, ao passo que com a doutrina das linhas e figuras o mesmo não ocorre. Neste último assunto, com efeito, não preocupa aos homens qual é a verdade, pois não se contraria a ambição, o lucro ou a cobiça de ninguém. Não duvido que, se acaso fosse contrária ao direito de domínio de alguém, ou aos interesses dos homens que possuem domínio, a doutrina segundo a qual *os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos de um quadrado* teria sido, se não objeto de disputa, pelo menos suprimida, mediante a queima de todos os livros de geometria, na medida em que o atingido por tal doutrina fosse capaz.

Adesão a bestasas privadas, por ignorância das causas da paz.

A ignorância das causas remotas predispõe os homens para atribuir todos os eventos a causas imediatas e instrumentais, pois são estas causas que percebem. E daí se segue que, em todos os lugares onde os homens se vêem oprimidos por tributos fiscaes, descartam a sua fúria em cima dos publicanos, isto é, os recebedores, recolhedores e outros funcionários da renda pública, e se associam áqueles que censuram o governo civil; e assim, depois de se terem comprometido para além dos limites de qualquer justificação possível, se voltam também

Adoção do costume, por ignorância da natureza do bem e do mal.

contra a autoridade suprema, por medo ao castigo ou por vergonha de receber perdão.

A ignorância das causas naturais predispõe os homens para a credulidade, de modo que acreditam muitas vezes em coisas impossíveis. Pois, como nada conhecem em contrário que possa ser verdadeiro, são incapazes de detectar a impossibilidade. E a credulidade, dado que os homens se comprazem em que se lhes dediquem atenção, predispõe-nos para mentir. Assim, a simples ignorância, sem ser acompanhada de malícia, é capaz de levar os homens tanto a acreditar em mentiras como a dizê-las; e por vezes também a inventá-las.

A ansiedade em relação ao futuro predispõe os homens a investigar as causas das coisas, pois o seu conhecimento torna os homens mais capazes de dispor o presente da maneira mais vantajosa.

A curiosidade, ou amor pelo conhecimento das causas, leva o homem da contemplação do efeito à busca da causa, e depois também da causa dessa causa, até que forçosamente deve chegar a esta idéia: que há uma causa da qual não há causa anterior, porque é eterna; que é aquilo a que os homens chamam Deus. De modo que é impossível proceder a qualquer investigação profunda das causas naturais, sem com isso nos inclinarmos para acreditar que existe um Deus eterno, embora não possamos ter no nosso espírito uma idéia dele que corresponda à sua natureza. Porque, tal como um homem que tenha nascido cego, ao ouvir outros falarem de irem aquecer-se junto ao fogo e ser levado a aquecer-se junto a ele, pode facilmente conceber, e convencer-se, de que há ali alguma coisa a que os homens chamam *fogo* e é a causa do calor que sente, sendo porém incapaz de imaginar como ele seja ou de ter no seu espírito uma idéia igual à daqueles que vêem o fogo, assim também, por meio das coisas visíveis deste mundo e da sua ordem admirável se pode conceber que há uma causa dessas coisas, a que os homens chamam Deus, mas sem ter uma idéia ou imagem dele no espírito.

E aqueles que pouca ou nenhuma investigação fazem das causas naturais das coisas, graças ao medo que deriva da pró-

[51]

Credulidade, por ignorância da natureza.

Curiosidade de conhecer procede da preocupação com o futuro.

Religião natural procede do mesmo motivo.

pria ignorância, daquilo que tem o poder de lhes ocasionar grande bem ou mal, tendem a supor e a imaginar por si mesmos várias espécies de poderes invisíveis, enchendo-se de temor reverente por suas próprias fantasias. Em épocas de desgraça tendem a invocá-las, assim como em épocas de *inesperado*¹ bom sucesso tendem a agradecer-lhes, transformando em seus deuses as criaturas da sua própria imaginação. E foi dessa maneira que, em razão da infinita variedade da imaginação, os homens criaram no mundo inúmeras espécies de deuses. Este medo das coisas invisíveis é a semente natural daquilo a que cada um em si mesmo chama religião e, naqueles que veneram e temem esse poder de maneira diferente da sua, superstição.

E tendo esta semente da religião sido observada por muitos, alguns dos que a observaram tenderam a alimentá-la, revesti-la e conformá-la às leis, e a acrescentar-lhe, de sua própria invenção, qualquer opinião sobre as causas dos eventos futuros que melhor parecesse capaz de lhes permitir governar os outros, fazendo o máximo uso possível dos seus poderes.

CAP. XII. Da Religião.

Considerando que só no homem encontramos sinais, ou frutos da *religião*, não há motivo para duvidar de que a semente da *religião* se encontra também apenas no homem, e consiste em alguma qualidade peculiar, ou pelo menos em algum grau eminente dessa qualidade, que não se encontra nas outras criaturas vivas.

Em primeiro lugar, é peculiar à natureza do homem investigar as causas dos eventos a que assiste, uns mais, outros

¹ Syn.: esperado

Religião apenas no homem.

Primeiro, pelo desejo de conhecer as causas.

XII. Da Religião

menos, mas em todos os homens o suficiente para terem a curiosidade de procurar as causas da sua própria boa ou má fortuna.

Em segundo lugar, é-lhe também peculiar, perante toda e qualquer coisa que tenha tido um começo, pensar que ela teve também uma causa, que determinou esse começo no momento em que o fez, nem mais cedo nem mais tarde.

Em terceiro lugar, enquanto para os animais a única felicidade é o gozo dos seus alimentos, repouso e prazeres quotidianos, pois de pouca ou nenhuma previsão dos tempos vindouros são capazes, por falta de observação e de memória da ordem, consequência e dependência das coisas que vêem, o homem, por seu lado, observa como um evento foi produzido por outro e recorda os seus antecedentes e consequentes. E quando se vê na impossibilidade de descobrir as verdadeiras causas das coisas (clado que as causas da boa e da má sorte são na sua maior parte invisíveis) supõe causas para elas, quer as que lhe são sugeridas pela sua própria imaginação, quer as que aceita da autoridade de outros homens, os quais considera seus amigos e mais sábios do que ele próprio.

Os dois primeiros motivos dão origem à inquietude. Pois quando se está certo de que existem causas para todas as coisas que aconteceram até agora, ou no futuro virão a acontecer, é impossível a alguém que constantemente se esforce por se garantir contra os males que recebe, e por obter o bem que deseja, não se encontrar em eterna apreensão com os tempos vindouros. De modo que todos os homens, sobretudo os que são extremamente previdentes, se encontram numa situação semelhante à de *Prometeu*. Porque tal como *Prometeu* (nome que quer dizer *homem prudente*) foi acorrentado ao monte *Cáucaso*, um local de vista aberta, onde uma águia se alimentava do seu fígado, devorando de dia o que tinha voltado a crescer durante a noite, assim também o homem que olha demasiado longe, preocupado com os tempos futuros, tem durante todo o dia o seu coração ameaçado pelo medo da morte, da pobreza ou de outras calamidades, e não encontra repouso nem paz para a sua inquietude a não ser no sono.

Pela consideração do início das coisas.

Pela observação das consequências das coisas.

Inquietude quanto ao futuro, causa natural da religião.

Que os faz temer o poder das coisas invisíveis.

Este medo perpétuo que acompanha os homens ignorantes das causas, como se estivessem no escuro, deve necessariamente ter um objeto. Quando portanto não há nada que possa ser visto, nada acusam, quer da boa quer da má sorte, a não ser algum *poder* ou agente *invisível*. Foi talvez neste sentido que alguns dos antigos poetas disseram que os deuses foram criados pelo medo dos homens, o que, se aplicado aos deuses (quer dizer, aos muitos deuses dos gentios), é muito verdadeiro. Mas o reconhecimento de um único Deus eterno, infinito e onipotente pode ser derivado do desejo que os homens sentem de conhecer as causas dos corpos naturais, e as suas diversas virtudes e operações, mais facilmente que do medo do que possa vir a acontecer-lhes nos tempos vindouros. Pois aquele que de qualquer efeito que vê ocorrer infira a causa própria e imediata desse efeito, e depois a causa dessa causa, e mergulhe profundamente *em direção à*¹ busca das causas, deverá finalmente concluir que necessariamente existe (como até os filósofos pagãos confessavam) um primeiro motor. Isto é, uma primeira e eterna causa de todas as coisas, que é o que os homens significam com o nome de *Deus*. E tudo isto sem levar em conta a sorte, por cuja preocupação se produz nos homens tanto uma tendência para o medo como um obstáculo à investigação das causas das outras coisas, que assim dão ensejo à invenção de tantos deuses quantos forem os homens que os inventem.

É supor que elas são incorpóreas.

E, quanto à matéria ou substância dos agentes invisíveis assim imaginados, seria impossível que por cognição natural se incorresse num outro conceito senão no que seria idêntico à alma do homem, e que a alma do homem seria da mesma substância que aparece nos sonhos, àqueles que dormem, ou nos espelhos, aos que estão despertos. Como os homens não sabem que tais aparições não passam de criaturas da imaginação, pensam que essas substâncias são externas e reais, e assim lhes chamam fantasmas, como os latinos lhes chamavam *imagines* e *umbrae*, pensando que seriam espíritos, ou seja, ténues corpos

¹ Syn.: na.

aéreos, semelhantes àqueles invisíveis que temiam, salvo que estes aparecem e desaparecem quando lhes apraz. Mas a opinião de que tais espíritos são incorpóreos e imateriais jamais poderia entrar, por natureza, na mente de nenhum homem, por que embora os homens sejam capazes de reunir palavras de significação contraditória, como *espírito* e *incorpóreo*, jamais serão capazes de ter a imaginação de alguma coisa que lhes corresponda. Portanto, os homens que, por sua própria meditação, acabam por reconhecer um Deus infinito, onipotente e eterno, preferem antes confessar que Ele é incompreensível e se encontra acima do seu entendimento, em vez de definir a sua natureza pelas palavras *espírito incorpóreo*, para depois confessar que a sua definição é ininteligível. Ou, se Lhe atribuem esse título, não é *dogmaticamente*, com a intenção de fazer entender a natureza divina, mas *piadosamente*, para honrá-lo com atributos ou significações o mais distantes que seja possível da solidez dos corpos visíveis.

Mas sem saber a maneira como produzem as coisas.

Além disso, quanto à maneira como pensam que esses agentes invisíveis produziram os seus efeitos, quer dizer, que causas imediatas usaram para fazer que as coisas ocorressem, os homens que não conhecem o que chamamos *causar* (isto é, quase todos os homens) não dispõem de outra regra para as descobrir senão observando e recordando aquilo que viram preceder o mesmo efeito em alguma outra ocasião ou ocasiões anteriores, sem verem entre o evento antecedente e o consequente nenhuma espécie de dependência ou conexão. Portanto, de coisas idênticas no passado esperam coisas idênticas no futuro, e supersticiosamente ficam esperando a boa ou má sorte de coisas que nada tiveram a ver com a produção de efeitos. Assim como os atenienses pediam um novo *Fórmio* para a sua batalha de *Lepanto*; o partido de Pompeu, para a sua guerra na *África*,^[54] pedia um novo *Cipião*, e outros também em diversas ocasiões desde então, também nesse caso atribuem a sua fortuna a um coadjuvante, a um lugar que daria sorte ou azar, ou a palavras proferidas, especialmente se entre elas estiver o nome de Deus, como as frases cabalísticas e esconjuros (a liturgia das bruxas),

chegando então ao ponto de acreditar que têm o poder de transformar uma pedra em pão, o pão num homem, ou qualquer coisa em qualquer coisa.

Em terceiro lugar, a adoração naturalmente manifestada pelos homens para com os poderes invisíveis só pode usar as mesmas expressões de reverência que se usam em relação aos homens, como oferendas, petições, agradecimentos, submissão do corpo, súplicas respeitadas, comportamento sóbrio, palavras meditadas, juras (isto é, garantia mútua das promessas), ao invocar esses poderes. Para além disso a razão nada sugere, permitindo aos homens que a isso se limitem ou que, em relação a outras cerimônias, confiem naqueles que consideram mais sábios do que eles próprios.

Por último, quanto à maneira como esses poderes invisíveis comunicam aos homens as coisas que futuramente virão a ocorrer, sobretudo quanto à boa e à má fortuna em geral, ou o bom ou mau sucesso em qualquer empreendimento particular, os homens encontram-se naturalmente numa situação de perplexidade. Salvo que, fazendo a partir do tempo passado conjecturas sobre o tempo futuro, estão extremamente sujeitos, não apenas a tomar coisas accidentais, depois de uma ou duas ocorrências, por prognósticos de que o mesmo sempre ocorrerá no futuro, mas também a acreditar em idênticos prognósticos feitos por outros homens dos quais conceberam uma opinião favorável.

É nestas quatro coisas, a crença nos fantasmas, a ignoração das causas segundas, a devoção pelo que se teme e a aceitação de coisas accidentais como prognósticos, que consiste a semente natural da religião. Essa, devido às diferenças da imaginação, julgamento e paixões dos diversos homens, se desenvolveu em cerimônias tão diferentes que as praticadas por um homem são na sua maior parte consideradas ridículas por outro.

Porque estas sementes foram cultivadas por duas espécies de homens. Uma espécie foi a daqueles que as alimentaram e ordenaram segundo a sua própria invenção. A outra foi a dos que o fizeram sob o mando e direção de Deus. Mas ambas as

Mas honrá-las como honram os homens.

É atribuído-lhes todos os eventos extraordinários.

As quatro sementes naturais da religião.

Tornadas diferentes pelo cultivo.

espécies o fizeram com o objetivo de fazer os que neles confiavam tender mais para a obediência, as leis, a paz, a caridade e a sociedade civil. De modo que a religião da primeira espécie constitui parte da política humana e ensina parte do dever que os reis terrenos exigem dos seus súditos. A religião da segunda espécie é a política divina, que encerra preceitos para aqueles que se entregaram como súditos do Reino de Deus. Da primeira espécie são todos os fundadores de repúblicas e legisladores dos gentios. Da segunda espécie são *Abraão, Moisés* e o nosso *abençoado Salvador*, dos quais chegaram até nós as leis do Reino de Deus.

Quanto àquela parte da religião que consiste nas opiniões relativas à natureza dos poderes invisíveis, quase nada há com um nome que não tenha sido considerado entre os gentios, em um ou outro lugar, como um deus ou um demônio, ou imaginado pelos poetas como animado, habitado ou possuído por um ou outro espírito.

A matéria informe do mundo era um deus com o nome de *Caos*.

O céu, o oceano, os planetas, o fogo, a terra, os ventos eram outros tantos deuses.

Os homens, as mulheres, um pássaro, um crocodilo, uma vaca, um cão, uma cobra, uma cebola, um alho-porro foram divinizados. Além disso, encheram quase todos os lugares com espíritos chamados *daemons*; as planícies, com *Pã*, e *panises*, ou sátiros; os bosques, com faunos e ninfas; o mar, com tritões e outras ninfas; cada rio e cada fonte, com um fantasma do mesmo nome e com ninfas; cada casa com os seus *lares* ou familiares; cada homem com o seu *gênio*; o inferno, com fantasmas e acólitos espirituais como *Caronte, Cérbero* e as *Fúrias*; e de noite todos os lugares com *larvas, lêmures*, fantasmas de homens falecidos e todo um reino de fadas e duendes. Também atribuíram divindade e dedicaram templos a meros acidentes e qualidades, como o tempo, a noite, o dia, a paz, a concórdia, o amor, o ódio, a virtude, a honra, a saúde, a corrupção, a febre e outros semelhantes. E nas suas preces, a favor ou contra, a eles

oravam, como se houvesse fantasmas com esses nomes pairando sobre as suas cabeças, os quais deixariam cair, ou impediriam de cair, aquele bem ou mal a favor do qual ou contra o qual oravam. Invocavam também o seu próprio engenho, sob o nome de *Musas*; a sua própria ignorância, sob o nome de *Fortuna*; a sua própria lascívia, sob o nome de *Cupídeo*; a sua própria raiva, sob o nome de *Fúrias*; o seu próprio membro viril, sob o nome de *Priápeo*; atribuíam as suas poluições a *Incubos* e *Súcubos*; de modo tal que de nada que um poeta pudesse introduzir como pessoa no seu poema deixavam de fazer um *deus*, ou um *demônio*.

Os mesmos autores da religião dos gentios, observando o segundo fundamento da religião, que é a ignorância que os homens têm das causas, e, conseqüentemente, a sua tendência para atribuir a sua sorte a causas das quais ela em nada aparenta depender, aproveitaram para impor à sua ignorância, em vez das causas secundárias, uma espécie de deuses secundários e ministeriais, atribuindo a causa da fecundidade a *Vênus*, a causa das artes a *Apolo*, a da sutileza e sagacidade a *Mercúrio*, a das tormentas e tempestades a *Éolo*, e as de outros efeitos a outros deuses. De modo tal que havia entre os pagãos quase tão grande variedade de deuses como de atividades.

E, às formas de culto que os homens naturalmente consideravam próprias para oferecer aos seus deuses, tais como sacrificios, orações e ações de graças, além das já referidas, os mesmos legisladores dos gentios acrescentaram as suas imagens, tanto em pintura como em escultura, a fim de que os mais ignorantes (quer isto dizer, a maior parte, ou o conjunto do povo), pensando que os deuses em cuja representação tais imagens eram feitas nelas realmente estavam incluídos, como se nelas estivessem alojados, pudessem sentir perante elas ainda mais medo. E dotaram-nos com terras e casas, funcionários e rendas, separadas de todos os outros usos humanos, isto é, santificadas e consagradas a esses seus ídolos, tais como cavernas, grutas, bosques e montanhas, e também ilhas inteiras; e atribuíram-lhes, não apenas as formas, umas de homens, outras de animais,

e outras de monstros, mas também as faculdades e paixões de homens e animais, como a sensação, a linguagem, o sexo, o desejo, a geração (e isto não apenas misturando-se uns com os outros, para propagar a raça dos deuses, mas misturando-se também com os homens e as mulheres, produzindo deuses híbridos, e simples moradores dos céus, como *Baco*, *Hércules* e outros); e além dessas também o ódio e a vingança, e outras paixões das criaturas vivas, assim como as ações delas derivadas, como a fraude, o roubo, o adultério, a sodomia, e todo e qualquer vício que possa ser tomado como efeito do poder, e causa do prazer; e todos aqueles vícios que entre os homens são considerados mais como contrários à lei do que à honra.

E por último, aos prognósticos dos tempos vindouros, que naturalmente não passam de conjecturas baseadas na experiência dos tempos passados, e sobrenaturalmente não são mais do que revelação divina, os mesmos autores da religião dos gentios, baseando-se em parte numa pretensa experiência e em parte numa pretensa revelação, acrescentaram inúmeras outras supersticiosas maneiras de adivinhação. E fizeram os homens acreditar que descobririam a sua sorte, às vezes nas respostas ambíguas ou sem sentido dos sacerdotes de *Delphos*, *Delos* e *Amon*, e outros famosos oráculos, respostas que eram propositadamente ambíguas, para dar conta do evento em qualquer caso, ou absurdas, pelas intoxicantes emanações do lugar, o que é muito freqüente em cavernas sulfurosas. Às vezes nas folhas das sibilas, sobre cujas profecias (como talvez as de *Nostradamus*, pois os fragmentos atualmente existentes parecem ser invenção de uma época posterior) havia alguns livros que gozavam de grande reputação no tempo da República Romana. Às vezes nos insignificantes discursos dos loucos, supostamente possuídos por um espírito divino, ao que chamavam entusiasmo, e a estas maneiras de predizer acontecimentos se chamava teomania ou profecia. Às vezes no aspecto apresentado pelas estrelas ao nascer, ao que se chamava horoscopia, e era considerado parte da astrologia judicial. Às vezes nas suas próprias esperanças e temores, ao que se chamava tumomania ou presságio. Às vezes

nas predições dos bruxos, que pretendiam comunicar-se com os mortos, ao que se chama necromancia, esconjuro e feitiçaria, e não passa de um misto de impostura e fraude. Às vezes no vôo ou forma de se alimentar casual das aves, ao que se chamava augúrio. Às vezes nas entranhas de um animal sacrificado, ao que se chamava *aruspicina*. Às vezes nos sonhos. Às vezes no citar dos corvos ou no canto dos pássaros. Às vezes nas linhas do rosto, ao que se chamava metoposcopia, ou pela palmistria nas linhas da mão, ou *às vezes em*¹ palavras casuais, ao que se chamava *omina*. Às vezes em monstros ou acidentes invulgaes, como eclipses, cometas, meteoros raros, terremotos, inundações, nascimentos prematuros e coisas semelhantes, ao que chamavam *portenta* e *ostenta*, porque pensavam que eles prediziam ou pressagiavam alguma grande calamidade futura. Às vezes no simples acaso, como no jogo de cara ou coroa, ou na contagem do número de orifícios de um crivo, ou no jogo de escolher versos de *Homero* e *Virgílio*, e em inúmeras outras vãs invenções do gênero. Tão fácil é os homens serem levados a acreditar em qualquer coisa por aqueles que gozam de crédito junto deles, que podem com cuidado e destreza tirar partido do seu medo e ignorância.

Portanto, os primeiros fundadores e legisladores de repúblicas entre os gentios, cujo objetivo era apenas manter o povo em obediência e paz, em todos os lugares tiveram os seguintes cuidados: primeiro, o de inculcar nas suas mentes a crença de que os preceitos que ditavam a respeito da religião não deviam ser considerados como provenientes da sua própria invenção, mas como os ditames de algum deus ou outro espírito, ou então de que eles próprios eram de natureza superior à dos simples mortais, a fim de que as suas leis fossem mais facilmente aceitas. Assim, *Numa Pompílio* pretextou ter recebido da ninfa *Egéria* as cerimônias que instituiu entre os romanos; o primeiro rei e fundador do reino do *Peru* pretextou que ele e a sua esposa eram filhos do Sol; e *Maomé*, para estabelecer a sua nova

¹ Syn.: em

religião, pretextou falar com o Espírito Santo, sob a forma de uma pomba. Em segundo lugar tiveram o cuidado de fazer acreditar que aos deuses desagradavam as mesmas coisas que eram proibidas pelas leis. Em terceiro lugar, o de prescrever cerimônias, suplicações, sacrifícios e festivais, os quais se devia acreditar capazes de aplacar a ira dos deuses; assim como que da ira dos deuses resultavam o insucesso na guerra, grandes doenças contagiosas, terremotos e a desgraça de cada indivíduo; e que essa ira provinha da falta de cuidado com o culto a esses deuses e do esquecimento ou do equívoco em qualquer aspecto das cerimônias exigidas. E, embora entre os antigos romanos não fosse proibido negar aquilo que nos poetas está escrito sobre os sofrimentos e os prazeres depois desta vida, *e que*¹ vários indivíduos de grande autoridade e peso nesse Estado satirizaram abertamente em suas *arengas*, apesar disso essa crença sempre foi mais aceita do que rejeitada.

E por meio destas e outras instituições semelhantes conseguiram, a fim de alcançar sua finalidade (que era a paz da república), que o vulgo, em ocasiões de desgraça, atribuisse a culpa à negligência ou a erros cometidos nas suas cerimônias, ou à sua própria desobediência às leis, tornando-se assim menos capaz de se rebelar contra os seus governantes. Entretido pela pompa e pela distração dos festivais e jogos públicos, celebrados em honra dos deuses, nada mais necessitava do que pão para se manter afastado do descontentamento, de murmúrios e protestos contra o Estado. Portanto, os romanos, que tinham conquistado a maior parte do mundo então conhecido, não hesitavam em tolerar nenhuma religião que fosse, mesmo na própria cidade de *Roma*, a não ser que nela houvesse alguma coisa incompatível com o governo civil. E não há notícia de que lá alguma religião fosse proibida, a não ser a dos judeus, os quais (por serem o próprio Reino de Deus) consideravam ilícito reconhecer sujeição a qualquer rei mortal ou a qualquer Estado. E assim se vê como a religião dos gentios fazia parte da sua política.

¹ Syn.: que